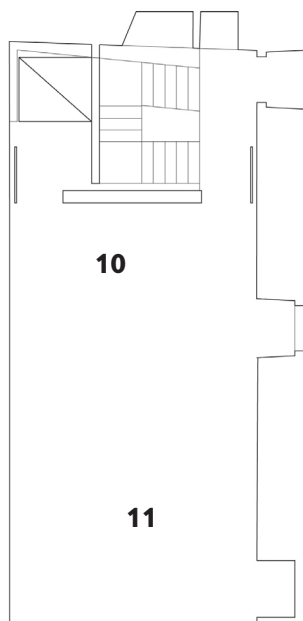


Piso 1



10
Quando o céu, o mar e os corpos se tornam transparentes

2019
Grafite, lápis de cor, guache sobre papel, vídeo 4:3, cor, 2'35''
Instalação no espaço

11
Sinal i

2019
Papel furado, vídeo 4:3, cor, som, 3'31''
Instalação no espaço

BIOGRAFIA

Sara Chang Yan (Lisboa, 1982) vive e trabalha em Lisboa e no Pico.

Licenciou-se em Arquitetura na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (2006) e no Ar.Co realizou o Curso Regular de Desenho (2010), o Curso Avançado em Artes Plásticas (2013), no âmbito do qual recebeu a bolsa de estudo da Fundação Carmona e Costa (2013). Em 2015 foi selecionada para a residência artística da Fundación Botín: "Getting Lost" de Julie Mehretu. No mesmo ano, recebeu o Prémio Artes Visuais para Jovens Criadores da Fundação Calouste Gulbenkian. Em 2016 foi selecionada para o Open Sessions 2016-2017, no The Drawing Center em Nova Iorque.

Exposições recentes: *Um Plano Tangível e Infinito*, Galeria Madragoa, Lisboa, 2018; *Campo de Visão*, Núcleo de Arte Contemporânea da Câmara Municipal de Lisboa, 2018; *Where Do We Stand? Two Years of Drawing Open Sessions*, The Drawing Center, New York, 2017; *Hibernation Plan*, The Drawing Center, 2016; *Escudo o silêncio, fala inteiro e com precisão*, Madragoa, Lisboa, 2016.

GALERIA BOAVISTA
Rua da Boavista, 50
Lisboa

Terça a Domingo, 10h-13h / 14h-18h
Tuesday to Sunday, 10am-1pm / 2pm-6pm

www.galeriasmunicipais.pt

**galerias
municipais**

EGEAC
LISBOA

SARA CHANG YAN

SEM PRESSA DE CHEGAR

10/05 ▶ 25/08/19

As Galerias Municipais apresentam "Sem pressa de chegar", exposição individual de Sara Chang Yan, com curadoria de Sara Antónia Matos e Pedro Faro, na Galeria da Boavista.

O título "Sem pressa de chegar" é uma frase retirada de um trabalho de som que Sara Chang Yan apresenta nesta exposição e serve como mote para pensar a forma como a artista tem trabalhado o espaço e o tempo do desenho nas práticas artísticas contemporâneas. O seu trabalho põe em relevo a disponibilidade para fazer e ver o que cada traço, incisão, marca, reflexo, pode conter. Daí poder-se dizer que o seu trabalho e *modus operandi* envolvem um modo de desaceleração em relação à realidade. Sem pressa de chegar a nada definitivo?

Trabalhando o desenho em diferentes suportes – papel, vídeo, som, sobre a parede, no espaço e através dele, muitas vezes adquirindo a forma de instalações – a artista explora modalidades de registo e de presença de aspectos muito subtis como a luz, a sombra, a transparência ou a

opacidade, a intensidade das coisas e não tanto as coisas em si. Poderão as suas obras ser pensadas como equações energéticas do espaço?

Podemos dizer que Sara Chang Yan desenha mais o espaço do que os objectos. Segundo a artista: “Quando olho para o mundo, acho que não chega, tem que haver mais do que isto. Interessa-me um gesto que é qualitativo.” As obras propõem assim capturar a qualidade interna que as move, que as faz viver. “Parece-me que a vida acontece em estados que não são visíveis nem materiais”. A artista interroga sobre como o estado interno de cada um pode mudar a realidade. Com uma preocupação ontológica, os seus desenhos procuram entender ou dar forma ao complexo estrutura-movimento-vibração, muitas vezes invisível, equacionando estados e termos como: intuição, intenção, vazio, consciência, evidência, ser.

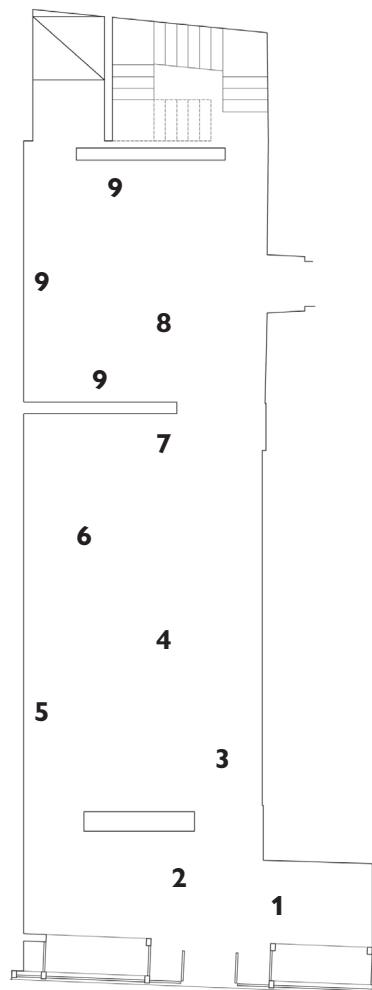
Cada obra de Sara Chang Yan forma-se a partir do que fica entre o visível e invisível, o material e o imaterial, o tangível e o infinito. Cada desenho gera evidências e momentos de consciência não tanto sobre a figura de objectos ou sobre a sua representação mas sobre as suas qualidades, propriedades internas, movimentos e vibrações que antecedem a forma. Será que o assunto que lhe interessa é anterior ao pensamento?

No desenho de Sara Chang Yan surgiram, a partir de certa altura, uma diversidade de gestos sobre o papel: cortes, relevos, camadas densas e translúcidas. O desenho saiu da folha de papel, da parede e colocou-se no espaço – como que adquirindo a qualidade de uma equação energética, assim testando a resistência do espectador face à sua quase imaterialidade – ao seu quase nada, quase inexistência – e ao abrandamento que o desenho impõe.

CURADORIA

SARA ANTÓNIA MATOS | PEDRO FARO

Piso 0



1 **Num Plano Qualitativo #1**

2019

Grafite, acrílico e aguarela sobre papel
67 x 63 cm

2 **Num Plano Qualitativo #2**

2019

Grafite, acrílico e aguarela sobre papel
95 x 88 cm

3 **Num Plano Qualitativo #3**

2019

Aguarela, lápis de cor, grafite, tinta-da-china e acrílico
sobre papel
69 x 97 cm

4 **Num Plano Qualitativo #4**

2019

Grafite, lápis de cor, acrílico e aguarela sobre papel
99 x 70 cm

5 **Alinhamentos #10**

2019

Grafite, acrílico, aguarela e tinta-da-china sobre papel
206 x 203 cm

6 **Estado**

2019

Papel, fio e coluna de som
21 x 17 cm

7 **Num Plano Qualitativo #5**

2019

Grafite, acrílico, aguarela e tinta-da-china sobre papel
70 x 98 cm

8 **Num Plano Qualitativo #6**

2019

Grafite, lápis de cor, acrílico e aguarela sobre papel
67 x 93 cm

9 **Equação de Energia**

2019

Grafite, acrílico, tinta-da-china, lápis de cor, marcas
gravadas sobre parede, madeira e fio.
Instalação no espaço